

ARTE DECOLONIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA COM AS IMAGENS DE JAIDER ESBELL

DECOLONIAL ART IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION AN EXPERIENCE WITH THE IMAGES OF JAIDER ESBELL'S WORKS

Caioh Santos Valadares

Graduando de Artes Visuais
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: caiohvaladares@gmail.com
ORCID: 0009-0002-5842-0211
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4834312965210293>

Igor de Mello Stradiotti

Graduando de Artes Visuais
Universidade Federal do Espírito Santo
E-mail: igorstradiotti@gmail.com
ORCID: 0009-0007-6371-7489
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1194291436872520>

Resumo: Este artigo busca evidenciar o processo pedagógico na área de Educação Infantil, desenvolvendo propostas para um ensino decolonial pautado na apresentação do artista contemporâneo indígena Jaider Esbell. O trabalho foi desenvolvido durante o estágio supervisionado em um CMEI localizado em Vitória/ES, com uma turma de crianças de seis anos de idade. Utiliza para a prática uma abordagem dialógica e artística, propondo uma atividade baseada nas obras do artista, incentivando a criação de grafismos inspirados em animais. Fundamenta-se teoricamente em Vigotski (2007), Krenak (2020) e Góes e Rosa (2021). Objetiva romper com o padrão eurocêntrico ainda presente no ensino da Arte, promovendo um olhar plural, crítico e mais próximo das realidades culturais das crianças. Finaliza apresentando os resultados que evidenciam uma recepção positiva, participação ativa e reflexões importantes sobre identidade, diversidade e expressão cultural.

Palavras-chave: Educação Infantil. Arte Decolonial. Jaider Esbell.

Decolonial Art in Early Childhood Education

An experience with the images of Jaider Esbell's works

Abstract: This article seeks to highlight the pedagogical process in the area of Early Childhood Education, developing proposals for a decolonial teaching based on the presentation of contemporary indigenous artist Jaider Esbell. The work was developed during a supervised internship at a CMEI located in Vitória/ES, with a class of six-year-old children. It employs a dialogical and artistic approach in practice, proposing an activity based on the works of the artist, encouraging the creation of graphics inspired by animals. Theoretically, it is based on Vygotsky (2007), Krenak (2020), and Góes and Rosa (2021). Its objective is to break away from the Eurocentric standard still

present in Art education, promoting a plural, critical perspective that is closer to the cultural realities of the children. It concludes by presenting the results that demonstrate a positive reception, active participation, and important reflections on identity, diversity, and cultural expression.

Keywords: Early Childhood Education. Decolonial Art. Jaider Esbell.

1 Introdução

Este artigo foi produzido a partir da experiência vivida na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado Obrigatório em Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, sendo realizado em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado em Vitória, Espírito Santo, entre os meses de outubro e novembro de 2024.

Iniciamos o estágio em uma turma de aproximadamente 20 crianças de seis anos de idade. No entanto, a frequência diária variava entre 10 e 15 crianças. Além da professora titular, a sala de atividades contava com a presença de uma estagiária em pedagogia e uma cuidadora responsável por auxiliar as crianças da Educação Especial, que demandavam um acompanhamento mais atento.

Desde o primeiro dia de estágio, percebemos a curiosidade e o interesse das crianças pela interação social, tanto entre si quanto conosco. Elas formulavam, constantemente, perguntas e estabeleciam diálogos espontâneos, o que tornava o ambiente dinâmico e envolvente.

Nesse contexto, buscamos desenvolver uma proposta pedagógica pautada nas obras do artista indígena decolonial Jaider Esbell, com o propósito de apresentar às crianças da Educação Infantil temas artísticos pouco abordados no ambiente escolar. Grande parte do ensino de Arte nas escolas da Educação Básica ainda é direcionado a artistas e métodos eurocentrados, seguindo um dogma historiográfico da arte feita por homens heteros, brancos e europeus.

Desse modo, nosso objetivo era apresentar narrativas artísticas contrastantes às práticas comuns, promovendo diálogos decoloniais e aproximando as crianças de uma arte mais palpável e familiar ao seu cotidiano. Para Góes e Rosa (2021, p. 2-3, grifo nosso):

Somente por meio dessas discussões é que teremos possibilidades de contribuir para que os sujeitos que habitam as escolas a compreendam como um lugar

desterritorializado, de desconstrução de narrativas hegemônicas, de negação a perpetuação de estigmas, e que leve as crianças a valorizarem suas histórias e referências culturais pessoais, em uma perspectiva decolonial. O conceito de decolonialidade propõe que vejamos a **produção das narrativas histórico-culturais a contrapelo**, ou seja, a partir do ponto de vista dos povos colonizados e que sofreram processos de aculturação de modo violento.

A escolha por Jaider Esbell foi motivada por essa abordagem, além da sua produção figurativa e pelo uso de cores vibrantes para representar a fauna e a flora brasileiras na perspectiva de um artista indígena. Afinal, como afirma Krenak (2020, p. 16-17) “Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo o que eu consigo pensar é natureza”.

Nossa intenção era, durante as atividades, estimular as crianças a formularem perguntas sobre o artista, suas obras, sua origem e suas práticas de produção, explicando-as de forma acessível para que compreendessem e sentissem próximas às/aos artistas nacionais.

Entretanto, tivemos vários episódios marcantes nesse processo, um deles envolveu a troca de percepções entre duas crianças. A Criança 1 que, frequentemente, se envolvia em conflitos ou adotava uma postura de vitimização ao ser repreendida, questionou: *"Por que você usa brinco, tio? Isso é coisa de mulher!"*. Antes que pudéssemos responder, sua colega (Criança 2) interveio espontaneamente, afirmando: *"Meu pai também usa brinco e ele não é mulher!"*.

Esse episódio exemplifica a teoria sociocultural de Vigotski (2007), que destaca a interação social e a linguagem como fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo das crianças. Além disso, reforça a ideia de que muitas concepções limitantes são construções impostas pelos adultos e não originadas pelas crianças. Podemos aqui refletir sobre o uso do brinco como uma questão de gênero, ou melhor, uma questão cultural que se difere, por exemplo, da cultura indígena, haja vista que os indígenas utilizam brincos e colares como ornamentos.

A fim de aprofundar a experiência artística, propusemos uma atividade na qual as crianças, após observarem e dialogarem sobre as obras de Jaider Esbell, desenvolveram grafismos de animais à sua escolha, tanto reais quanto fictícios. Posteriormente, esses desenhos foram ampliados para uma nova produção em tecido de algodão cru, utilizando tintas coloridas, grafites e canetinhas coloridas. Esse exercício nos permitiu analisar o impacto das obras do artista sobre/nas crianças, ao

observarmos quais animais elas representavam e quantos deles pertenciam à fauna brasileira.

Com essa proposta, buscamos compreender até que ponto ideias estrangeiras estavam inseridas na *psique* infantil e como reagiriam ao estímulo de produções nacionais carregadas de discursos de povos historicamente marginalizados. Além disso, promovemos discussões sobre a presença desses artistas no cenário contemporâneo e a necessidade de ampliar as referências artísticas das crianças da/na Educação Infantil.

A experiência do estágio nos proporcionou uma reflexão profunda sobre as interações no ambiente escolar e o impacto do ensino de Arte na formação das crianças. Embora algumas fossem expansivas e participativas, outras mantinham uma postura mais reservada, como se estivessem apenas inseridos em sua rotina cotidiana. No entanto, o vínculo afetivo se tornou evidente ao longo do período, fortalecendo nossa percepção sobre a importância de apresentar novas perspectivas artísticas e culturais para elas, estimulando a construção de um olhar crítico e plural sobre a arte e a sociedade.

2 Explorando a Autonomia Criativa e a Diversidade Cultural no ensino de Arte Infantil: Experiências e Reflexões

Durante nossa primeira semana atuando como estagiários na área de Educação Infantil, fomos bem recebidos pela professora regente, assim como a equipe de gestão do CMEI, juntamente com as próprias crianças da Educação Infantil que, em primeira instância, se mostraram curiosas com nossa presença, cheias de perguntas e duvidosas quanto ao fato de querer compreender o que estávamos fazendo ali.

Como estudantes universitários, tínhamos nos afastado dos ambientes da primeira infância há muitos anos, tendo um contato teórico apenas no ambiente acadêmico, estudando possíveis ações infantis e como interpretá-las no estágio. Havíamos esquecido até mesmo como eram as salas da Educação Infantil.

Na turma que acompanhávamos havia algumas crianças que eram neurodivergentes, como um menino com síndrome de Down que faltava bastante e uma menina que possuía um comportamento não verbal e tinha dificuldade de estabelecer relações com outros colegas, além de se mostrar muitas das vezes

isolada, chegando a chorar ou promover ações corporais incomuns devido à alta presença de estímulos. Nesse aspecto, reiteramos a importância de um ambiente preparado para estimular a autonomia e desenvolvimento de cada criança, respeitando suas singularidades e ritmos individuais.

Fundamentados em Vigotski (2007), destacamos a importância da interação social no desenvolvimento infantil e do papel da/o professor/a mediador/a para ajudar a criança a ampliar suas possibilidades de aprendizagem.

Entre as crianças, algumas se destacavam, como a Criança 3 que demonstrava ter um amplo conhecimento cultural, conhecendo temas e artistas de dentro e de fora do Brasil, pois seus pais estavam envolvidos na área cultural e, comumente, a levava em viagens para conhecer diferentes ambientes artístico-culturais. Certamente as informações que trazia era por meio de uma ótica infantil, o que nos remete a Vigotski (2007), quando ele reitera a importância do desenvolvimento biológico, mas que a aprendizagem pode precedê-lo, pois depende do meio cultural em que a criança está inserida.

Essa criança demonstrava um comportamento bondoso, se engajando nas atividades de seus pares e promovendo brincadeiras grupais entre as/os colegas, o que aproximava também as crianças neurodivergentes. Ela, geralmente, era uma das primeiras a terminar, e, quando terminava, tentava auxiliar seus colegas, além de se mostrar prestativa para nos ajudar, se voluntariando para a limpeza do ambiente entre os intervalos ou nos dando pequenos conselhos sobre a construção social da turma.

Importante destacarmos que o ambiente da sala de atividades também se mostrava promissor, complementando com êxito as atividades propostas pela professora. Entretanto, em contraposição, essa mesma criança, corriqueiramente, se envolvia em pequenos conflitos com a Criança 4, de forma a defender o seu território, ou, criticando e interrompendo as ações da outra colega que se mostrava mais resiliente às práticas de ensino.

A Criança 4 apresentava um bom desempenho nas atividades, porém, suas ações se baseavam na imposição de suas próprias vontades e entendimentos. Muitas das vezes havia discordância de opiniões, ocasionando conflitos de forma regular. Em muitos momentos essa criança tendia a se vitimizar quando chamada atenção, respondendo com queda de sua expressão facial ou até mesmo choro em situações mais extremas. Esse comportamento pode ser analisado à luz das teorias de Erik Erikson (1976), que discute os desafios emocionais e sociais na infância, e como a

construção de identidade ocorre por meio do enfrentamento de conflitos interpessoais.

Os casos que citamos contextualizam o perfil da turma com a qual passaríamos a nos encontrar semanalmente para, posteriormente, propormos nossas ações pedagógicas. De forma geral, durante nosso primeiro dia e nossa apresentação, as crianças se mostraram receptivas, engajando em nossas perguntas, e depositando confiança em nós para realizarem suas atividades artísticas. Elas solicitavam que déssemos ideias de grafismos para seus desenhos, entretanto, incentivávamos que fossem autônomas para produzir seu próprio processo criativo.

Conforme sugere John Dewey (2010), que defende uma educação baseada na experiência, nosso intuito era promover diversas experiências com e para elas. Essa perspectiva também dialoga com as ideias de Paulo Freire (2021), que enfatiza a educação como um processo dialógico e libertador, onde o estudante [criança] é um sujeito ativo, crítico e responsável e nós, como professoras/es precisamos romper com modelos tradicionais bancários e promover ações que possibilitem a autonomia e o protagonismo das crianças.

Em alguns momentos de nossa experiência, pudemos compreender o trabalho e projetos associados à nossa turma, tanto pela professora responsável pelo grupo, quanto pela professora de Arte do CMEI, pois ambas tinham recém trabalhado com o artista europeu pós-impressionista Vincent van Gogh, utilizando as cores e formas distorcidas de suas obras para propósitos didáticos. Uma das atividades propostas pela professora e realizadas pela turma, foi a construção de uma maquete intitulada de “Casa do Van Gogh”, onde fizeram representações imaginárias sobre o possível local de vivência do artista, recriando sua obra “Quarto em Arles” além da recriação de outras obras populares, como a obra “Girassóis”, “Autorretrato” e entre outras.

Após essa afirmação, acreditamos que nossa apresentação e produção relacionado ao artista contemporâneo brasileiro e indígena Jaider Esbell, seria receptivo às crianças, visto que com a turma já havia sido trabalhado ideias de cor para apresentação de emoções, bem como a distorção delas, além de propostas didáticas relacionadas à figuratividade abstrata nas obras.

Compreendemos que a temática que trazíamos seria muito proveitosa para a turma, haja vista que, mesmo com algumas atividades relacionadas à decolonialidade proposta pela professora, como a apresentação de livros com temáticas africanas e a apresentação de filmes — mesmo que *hollywoodianos* que apresentam culturas diferentes do padrão branco europeu, como a obra “Moana” da Disney —, a sala

permanecia inserida em uma valorização cultural e artística europeia, com pouca apresentação de artistas plásticos nacionais.

Em meio às nossas atividades no estágio, recebemos falas e comentários das crianças que acreditamos que merecem destaque neste artigo, como a fala da Criança 5, ao inferir que: “Tio, um grafiteiro ia saber como faz marrom”, após falharmos duas vezes na produção da tinta marrom com tempera guache, produzindo tons similares a um roxo fosco e cinzento.

Entre essas e muitas outras narrativas, era possível perceber uma valorização de suas próprias culturas ou das culturas infantis (Sarmiento, 2004), pois ao conversarmos (Imagem 01) sobre os filmes que assistiam — grande parte estrangeira—, times que torciam, monstros que conheciam, sempre que possível, nos contavam sobre esses temas e como tudo isso as atravessava.

Imagem 01. *Reflexões com as crianças*



Fonte: Acervo autoral

Todo esse diálogo inicial e observação da rotina das crianças foi fundamental para elaborarmos nossa sequência didática. Assim, durante a seleção das obras de Jaider Esbell, decidimos escolher aquelas que possuíam um grande apelo visual, com diversidade de cores, formas e animais (Imagens 02 a 05).

Imagem 02. Obras trabalhadas com as crianças



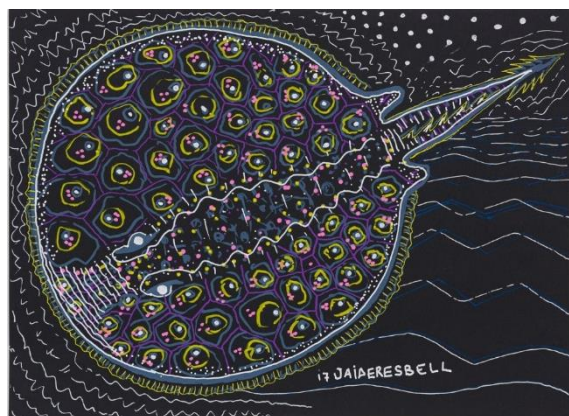
Fonte: Jaider Esbell, "Maikan e Tukui [Raposas e Beija-flores]", 2020, Acrílica e posca sobre tela, 100 x 75 cm

Imagem 03. Obras trabalhadas com as crianças



Fonte: Jaider Esbell, "A Guerra dos Kanaímés7", da série "A Guerra dos Kanaímés", 2020, Acrílica e posca sobre tela, 145 x 110 cm

Imagem 04. Obras trabalhadas com as crianças



Fonte: Jaider Esbell, "sem título" 2017, acrílica sobre papel, 42 x 30 cm

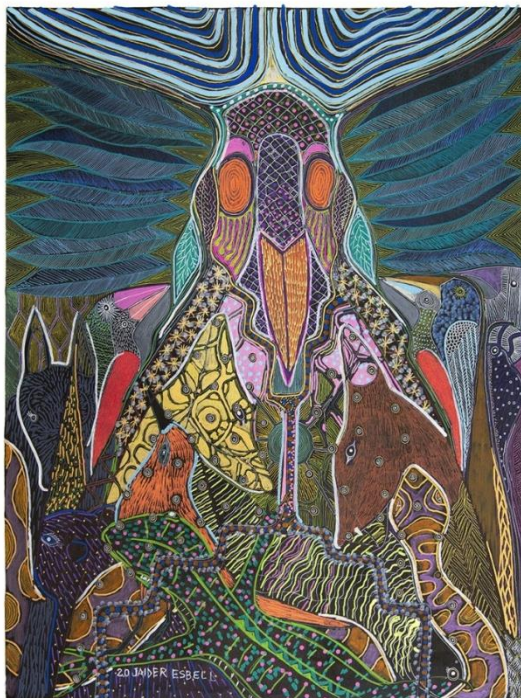
Imagem 05. Obras trabalhadas com as crianças



Fonte: Jaider Esbell, "Pata Ewa'n – O coração do mundo", 2016, acrílica sobre tela, 230 x 250 cm

Além dessas obras, uma outra foi selecionada (Imagem 06) e, assim que uma criança olhou para ela disse: "Isso é satânico!".

Imagem 06. *Obra retirada da curadoria*



Fonte: Jaider Esbell *"O anúncio do dilúvio"*, 2020, Acrílica e posca sobre tela, 100 x 75 cm

Após essa fala da criança, a pedido da professora, nós a retiramos da curadoria feita. Segundo a professora, seria melhor retirá-la, pois ela se assemelhava a figuras estereotipadas do “demônio bíblico”. A imagem, em si, não o representava, porém, a professora acreditava que isso poderia afetar a interpretação das crianças, além de gerar comentários desnecessários para com a atividade proposta. Mesmo após a retirada dessas obras de nossa proposta didática, comentários similares a esse continuaram se fazendo presentes.

Realizamos nossa proposta didática em partes, primeiramente apresentando às crianças as obras do artista, sua foto, sua história, sua origem, e como ele se encaixava no cenário nacional, sempre em uma proposta constante de diálogo e conversa, permitindo que elas também tivessem a possibilidade de expor pensamentos e considerações sobre as obras.

Grande parte das narrativas sinalizava uma boa recepção, entretanto, algumas crianças afirmaram não gostar, devido à grande presença da cor preta em algumas obras, além da vinculação abstrata, que segundo elas, se pareciam com figuras demoníacas e anticristãs, como relatado anteriormente. Porém, muitos viram de forma mágica e surreal, pontuando os animais evidenciados em suas pinturas e como eles afetam a obra.

Em seguida a essa discussão, entregamos papéis de ofício brancos, com a

proposta de representassem animais de suas escolhas, tanto reais como fictícios, nacionais ou estrangeiros. Observamos que grande parte dos grafismos realizados se assemelhavam a criaturas popularmente conhecidas, como girafas, cobras e baleias, já algumas partiram para animais ficcionais, como unicórnios e monstros pertencentes ao folclore virtual, como o recentemente popular “*Siren Head*”. Algumas crianças chegaram a representar objetos ou itens variados, com pouca relação a ideia proposta, como carros de bombeiro, arco íris, ônibus ou as casas de suas próprias famílias.

Após todos representarem seus devidos desenhos nas folhas de ofício, realizamos a transferência para o algodão cru, que permaneceu em exposição no chão da sala, promovendo uma similaridade a um grande tapete de desenhos e ideias. Muitos desenhos ficaram atravessados uns sobre os outros, grande parte deles ficaram localizados nas bordas, evidenciando a timidez artística de muitas crianças, e nós participamos da atividade juntamente com elas e decidimos desenhar dois animais característicos de nossa fauna, um tucano e uma capivara.

Imagens 07 e 08. *Prática com as crianças*



Fonte: acervo pessoal



O grafismo no algodão cru foi realizado em dois momentos em que as crianças puderam experienciar não somente a pintura coletiva, mas, principalmente, uma

pintura que as fazia rememorar a importância da natureza e como precisamos aprender a coexistir com a fauna e a flora, assim como as/os indígenas.

Pudemos assim, perceber uma apreciação das crianças pela temática além da mescla de suas culturas individuais com a cultura indígena, sempre traçando semelhanças em seus diálogos, de forma sutil e criativa.

3 Considerações finais

Estudar autoras/es, artistas e culturas nacionais, principalmente dos povos originários, auxilia na criação e desenvolvimento da ideia de pluralidade que constitui a nossa nação, além de promover a valorização de suas histórias e memórias que continuam sofrendo apagamentos constantes, pois ainda são sobrepujadas por culturas estrangeiras, que não possuem nenhuma conexão com a descendência de grande parte dos brasileiros que aqui residem.

Promover conexões das crianças com os povos autóctones e de como eles se relacionam com o meio ambiente, a fauna e a flora, podem gerar grandes mudanças sobre como elas vão reconhecer, identificar, respeitar e coexistir com a cultura dessas etnias e, conseqüentemente, com a natureza.

De acordo com Ailton Krenak em sua obra “Ideias para adiar o fim do mundo” (2020), o estabelecimento de mudanças, por mais que sejam radicais, realiza de maneira gradativa a valorização de uma identidade nacional e um conhecimento ampliado, além de pluralizado, se inserido de forma estratégica nos ambientes voltados para a primeira infância, principalmente quando pensamos na arte indígena contemporânea e como ela pode reverberar no ensino da Arte.

Como foi proposto por Góes e Rosa (2021), o restabelecimento de ideias prósperas sobre conservação de culturas e preservação dos ambientes em que residimos, antes vistas pelos colonizadores como “selvagens”, pode ser um dos guias para a estruturação de uma sociedade que atualmente carece de ideias originárias, e que julga uns aos outros por lupas estrangeiras.

Inserir arte indígena contemporânea nas salas da Educação infantil não é apenas uma escolha estética ou metodológica, mas um compromisso político pedagógico e a experiência desenvolvida evidenciou possibilidades de acionar a arte indígena como meio de romper com narrativas hegemônicas que historicamente invisibilizam a diversidade cultural brasileira.

Ao trazer para a sala de atividades as produções como as de Jaider Esbell, aproximamos as crianças de um universo artístico que valoriza a natureza, os povos originários e seus modos de existência, permitindo que elas construam um olhar crítico e plural desde a infância.

Referências

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ERIKSON, Erik H. **Infância e sociedade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GÓES, Margarete Sacht; ROSA, Tatiana Gomes. Formação de Professoras (Es): ensino da arte para as relações étnico raciais na Educação Infantil. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 1, p. 115, 2021. ISSN 1983-1579.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.